



Fig. 169 — Estrada de Viana, 2006



Fig. 170 — Estrada de Viana, 2006



Fig. 171 — VENDEDORES, estrada de Viana, 2006



Fig. 172 — VENDEDORES, estrada de Viana, 2006

Brissac-Peixoto destaca questões sobre paisagens, perspectivas tradicionais, modelos do século XIX, pinturas modernas da paisagem, chegando às paisagens contemporâneas que são as cidades. A experiência da cidade é facilitadora do intercruzamento de informações, conforme suas palavras:

Cidades feitas de fluxos, em trânsito permanente, sistema de interfaces. É a experiência da metrópole, a cidade como horizonte, que possibilita esse entrelaçamento de linguagens. (BRISSAC-PEIXOTO, 1996, p. 12).

Peixoto assim se manifesta “[...] nada mais anacrônico do que um livro sobre paisagens”. Assim inicia a sua introdução, apontando que a mídia nos leva a olhar com uma velocidade tal que perdemos o nosso olhar contemplativo. Sobre o destino de nossas imagens, ele assim o define: “[...] espectros descartáveis e sem significado”. Ao refletir a respeito das paisagens urbanas contemporâneas, ele escolhe aspectos recorrentes sobre três elementos: a janela, a nuvem e a grade. Esse é o eixo construtor do seu texto. Fazendo uma referência à Constable⁴⁷ referente à pintura de paisagem do séc. XIX, ele considera que toda a história da pintura moderna poderia ser conta-

47. CONSTABLE, John (1776-1837). Foi um dos artistas pioneiros na percepção e estudo da mudança dos efeitos da luz e condições atmosféricas na arte. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Constable. Acesso: 09 OUT. 2008.

da a partir da *nuvem*, esta como o elemento que serviu à pintura para problematizar a perspectiva e que “[...] a pintura de paisagem instaura uma nova maneira de ver o mundo” (PEIXOTO, 1996, p. 9).



Fig. 173 — DETALHES, estrada de Viana, 2006

A *janela*, segundo o autor, também surge na idade moderna, mas, ao contrário da tradição perspectivista, ela é tomada como transparente e opaca; cumprindo idêntica função das nuvens, instaurando o espaço sem profundidade nem limites, “[...] que conforma a visualidade contemporânea”. A janela proporciona o alargamento lateral do espaço, o que leva a paisagem a “[...] se converter no campo, plano e extenso, em que se articulam todas as coisas: uma grade” (Ibidem, p. 10).



Fig. 174 — DETALHES, centro de Luanda, 2006



Fig. 175 — DETALHES, Largo do KINAXIXE, centro de Luanda, 2006

Para o autor, as cidades são as paisagens contemporâneas. “O campo de intersecção de pintura e fotografia, cinema e vídeo; entre todas essas imagens e a arquitetura [...]” (Ibidem, p. 10). Esse cruzamento entre diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagem, é que constitui a paisagem das cidades. Resulta que: “[...] o olhar hoje é um embate com uma superfície que não se deixa passar. Cidades sem janelas, um horizonte cada vez mais espesso e concreto [...] A paisagem é um muro” (Idem, p. 10).



Fig. 176 — DETALHE, Edifícios, Largo do KINAXIXE, centro de Luanda, 2006

Observando que “Paisagens Urbanas é uma reflexão sobre a arte definida com o lugar”, o autor faz referência à idéia do *site specific*, e, também, sobre tirar as obras das instituições culturais, dos circuitos de exibição estabelecidos. Trata-se, segundo ele, de redefinir o lugar da obra de arte contemporânea, a partir da sua integração com outras linguagens e outros suportes. Segundo ele, a função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas e que passem a fazer parte da própria paisagem urbana (PEIXOTO, 1996, p. 13).



Fig. 177 — Artigos diversos à venda, estrada para Viana, 2006



Fig. 178 — Artigos diversos à venda, estrada para Viana, 2006

O princípio do processo seria o movimento; conexão entre dois pontos quaisquer; sem começo nem fim. Seria algo que acontece entre os elementos, mas que não se reduz aos seus termos. Seria o que Deleuze definiu como a condição de estar no meio, entre as coisas. Uma espécie de “entre-lugar”, uma “zona de indiscernibilidade”, sem limites e sem fronteiras (DELEUZE, 1996, p. 201).

Peixoto fala desse “Espaço que define uma “zona intersticial”, onde não há ponto de partida; que encontra analogia nas curvas e recurvas, dobras sobre dobras do Barroco” (1996, p. 201, grifos do autor). O princípio que faz de todo intervalo o lugar de um novo desdobramento, apagando todo contorno e fronteira. Lembra que o barroco é uma *transição*.



Fig. 179 — Centro de Luanda, 2007



Fig. 180 — Ilha de Luanda, Luanda, 2006



Fig. 181 — Centro de Luanda, 2007



Fig. 182 — DETALHES, Centro de Luanda, 2007



Fig. 183 — DETALHES, Centro de Luanda, 2007

Sobre a temática, Peixoto afirma que esse entrecruzamento entre suportes e linguagens amplia o espaço da arte, e que as passagens são constitutivas da atualidade das imagens: “Uma multiplicidade de sobreposições e configurações é produzida entre pintura, cinema e vídeo — além da arquitetura. O espaço de todas estas passagens é o que ele chama de entre imagens” (Ibidem, p. 202).



Fig. 184 — VENDEDORES, estrada de Viana, próximo à linha de ferro em construção, 2006